

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)



Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)



Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação física e áreas de estudo do movimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-959-2

DOI 10.22533/at.ed.592202301

1. Educação física – Pesquisa – Brasil. I. Linhares, Wendell Luiz.

CDD 613.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Educação Física, enquanto um campo em intervenção, demonstra a partir de suas diversas ramificações, um grande desafio para o profissional da área que tenta compreendê-la. Visando contribuir nesse processo, o e-book “Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2” configura-se como uma alternativa, a qual, é uma produção composta por 8 artigos científicos, subdivididos por dois eixos temáticos distintos, entretanto, interdependentes. No primeiro intitulado “Educação, História e Práticas Corporais” é possível encontrar estudos que apresentam desde aspectos históricos do esporte, perpassando por práticas inclusivas e motivacionais na Educação Física. No segundo eixo intitulado “Educação física Escolar e seus Documentos Norteadores”, é possível verificar estudos que abordam e discutem a partir dos documentos (Diretrizes Curriculares Nacionais, Base Nacional Comum Curricular e Plano Nacional da Educação) aspectos relacionados a formação e a carreira do docente em Educação Física, bem como, a inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais no contexto escolar. O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil, os quais, abordam assuntos relevantes e de grande contribuição no que se refere a discussão dos temas citados anteriormente.

Portanto, é com entusiasmo e expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INFLUÊNCIA DOS ESPORTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Luciano Barreto Lima	
DOI 10.22533/at.ed.5922023011	
CAPÍTULO 2	16
HISTÓRIA E SIMBOLOGIA DOS JOGOS OLÍMPICOS	
Juvenal dos Santos Borges	
Roberto Carlos da Costa Belini	
DOI 10.22533/at.ed.5922023012	
CAPÍTULO 3	22
O IMPACTO DO ESTILO MOTIVACIONAL DOCENTE NA PRÁTICA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Monique Marques Longo	
Amanda Mendonça Soares Reis	
Ana Paula da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5922023013	
CAPÍTULO 4	34
PERCENTUAL DE GORDURA E RESISTÊNCIA CARDIORRESPIRATÓRIA EM CRIANÇAS	
Jonatha Danilo Silva de Oliveira	
Rafaela Guilherme	
Ademir Testa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.5922023014	
CAPÍTULO 5	47
TAKKYU VOLLEY UMA NOVA PROPOSTA INCLUSIVA	
Thalita Cassettari Campos	
José Irineu Gorla	
Simone Thiemi Kishimoto	
DOI 10.22533/at.ed.5922023015	
CAPÍTULO 6	58
DE FERNANDO DE AZEVEDO ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	
Michelle Ferreira de Oliveira	
Tadeu João Ribeiro Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.5922023016	
CAPÍTULO 7	81
O QUE INDICAA PROPOSTA PARA BASE NACIONAL COMUM DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA COM RELAÇÃO À INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS	
Cassia Cristina Bordini Pirolo	
Celia Regina Vitaliano	
Nilton Munhoz Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.5922023017	

CAPÍTULO 8	93
PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO 2014-2024: EDUCAÇÃO FÍSICA, FORMAÇÃO E CARREIRA DOCENTE EM QUESTÃO	
<i>Carolini Aparecida Oliveira Campanholi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5922023018	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	106
ÍNDICE REMISSIVO	107

conhecimento dos grupos considerados marginalizados em uma perspectiva de reconhecimento, valorização e enriquecimento cultural.

A PESQUISA... COMO O ESTILO MOTIVACIONAL DOCENTE IMPACTA A APRENDIZAGEM?

Para compreender os estilos motivacionais dos seis professores, foi utilizado o questionário “Problemas na escola,” elaborado por Deci et al (1981) e adaptado e validado no Brasil por Bzuneck e Guimaraes (2007). O instrumento contém oito histórias que relacionam problemas do cotidiano na escola, e outros ambientes, entre crianças e adultos. Para cada história, o professor assinala o seu grau de concordância (em escala likert de sete pontos), que vai do “muito improprio” até “bastante apropriado” para cada uma das quatro soluções apresentadas em cada questão.

Para inferirmos o grau de motivação dos 24 alunos durante as aulas dos professores entrevistados utilizamos o questionário elaborado por Kobal (1996). Este é composto por trinta e duas questões, sendo dezesseis itens referentes à motivação intrínseca e dezesseis referentes à motivação extrínseca. Dentro desses dezesseis itens, estes estão subdivididos em três questões tanto da intrínseca quanto da extrínseca. Cada afirmação foi respondida por meio de uma escala *likert* com cinco alternativas: 1- discordo muito; 2- discordo; 3- estou em dúvida; 4-concordo; 5- concordo muito.

ESTILO/ PROFESSOR	Altamente controlador	Moderadamente e controlador	Moderadamente e promotor da autonomia	Alta promotor autonomia	Característica Dominante
Prof.1	1	1	2	4	(+) altamente Promotor de autonomia
Prof.2	0	1	3	4	(+) altamente promotor de autonomia
Prof.3	0	0	6	2	(+) moderadamente promotor de autonomia
Prof.4	0	0	1	7	(+) altamente promotor de autonomia
Prof.5	0	1	5	2	(+) moderadamente promotor de autonomia

Prof.6	0	1	3	4	(+) altamente promotor de autonomia
--------	---	---	---	---	--

A tabela 1 apresenta a análise das respostas apresentadas pelos professores.

Observando as respostas apresentadas pelos professores inferimos que no geral todos apresentavam uma tendência à responder as situações problemas de uma maneira mais promotora de autonomia. Acreditamos que tal fato se deve à determinadas características inerentes à prática das aulas de educação física, como corrobora Kobal (1996) quando postula que

o prazer com a conotação de satisfação, alegria, contentamento, divertimento, é uma questão fundamental para a aprendizagem em aulas de Educação Física. O discurso e a expressão corporal dos alunos têm mostrado sua importância, pois é um sentimento que vivenciado com intensidade, não se torna efêmero, mas permanece. Consequentemente a aprendizagem, quando realizada de forma prazerosa, também se internaliza. (KOBAL, 1996.P.101)

Os dados por nós construídos assemelham-se ao estudo apresentado por Machado et al (2012) quando utilizou também o questionário de Kobal com estudantes do ensino médio. A maioria dos alunos que respondeu ao questionário deram respostas características da motivação intrínseca durante aulas de educação física proferidas por professores que apresentaram estilos motivacionais mais autônomos. Tal fato nos faz pensar em uma característica dominante nas aulas de educação física onde são, na sua maioria, lecionadas, em locais abertos, fora da sala de aula, por meio de atividades onde os alunos não se mantem sentados e imóveis em salas de aula, utilizando-se de jogos de movimentos sensórios e motores que favorecem a promoção de hormônios geradores da sensação de prazer.

Analisando a tabela de dados docentes, observamos que o professor 1 apresentou algumas respostas tendendo ao controle em excesso ou moderadamente controladoras durante as situações-problemas propostas pelo questionário. Os professores 2, 5 e 6 expuseram respostas moderadamente controladoras em determinados casos diferente do professor 4 que apresentou características mais autônomas em 7 dos 8 casos propostos. Pressupomos a partir dos dados, que o professor 7 apresentaria aulas mais motivadoras intrinsecamente aos alunos. Visando compreender a veracidade da nossa hipótese cruzamos as informações fornecidas pelos alunos destes professores buscando compreender a relação entre o estilo motivacional docente com o grau de motivação dos alunos durante as aulas.

Ao interrelacionarmos estes dados percebemos a presença de características de motivações extrínsecas fomentadas durante as aulas de educação física nos

professores 1, 3 como fato e motivos das suas presenças em aula. Notas, chamada, e impossibilidade de não estar presentes apareceram como motivos à ida à aula.

Um fator extrínseco que apareceu em grande parte dos questionários discentes e em todos os grupos de alunos de cada um dos seis professores residiu das relações interpessoais favorecidas pelo tipo de aula característico da Educação Física. A possibilidade de relacionar-se sensorialmente com os amigos, inserir-se em atividade socializadoras, a emergência de estímulos emocionais e a criação de vínculos durante as atividades propostas mostraram-se fatores relevante à motivação em participar das aulas. Tais fatos corroboram pressupostos apresentados por Minelli *et al* (2010) quando ressalta que

há um maior engajamento e persistência na tarefa quando os alunos realizam atividades em grupos e dependem uns dos outros para cumprir os objetivos propostos. o ambiente cooperativo também aumenta a afetividade entre as pessoas, alimentando a sua necessidade de estabelecer vínculos pessoais (minelli *et al*, 2010. p. 603)

90% das respostas apresentadas pelos estudantes nas duas questões relativas à motivação intrínseca afirmaram-se concordantes, ou seja, com um caráter motivacional intrínseco. Inferimos, portanto, que os alunos sentem prazer nas aulas, gostam de atividade física, reconhecem a importância do estudo dos conteúdos da disciplina e também sentem prazer ao movimentar o corpo e assimilar os conteúdos relativos aos jogos, esportes, lutas e danças propostos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS....

Ficou claro, que o tipo de motivação interfere na forma como os estudantes se apresentam e se inserem nas atividades propostas durante as aulas de educação física, o que favorece a assimilação de novos conteúdos e o desenvolvimento de certas habilidades. Conceber o estilo motivacional docente possibilita criarmos estratégias de promoção da motivação intrínseca favorecida entre muitos fatores, sobretudo, pela possibilidade de vínculo entre alunos e entre eles e o professor, a possibilidade de externar suas emoções, mostrarem-se autônomos na resolução dos problemas surgidos durante as atividades e sentirem-se seguros e aptos a executarem as tarefas propostas. Os dados aqui expostos de forma resumida, mostraram-se relevantes para pensarmos novos fatores que atravessam a formação docente em educação física e sobretudo a importância de se desenvolver e fomentar a autonomia como estilo docente que favoreça a motivação por parte dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BALBINOTTI, M. A. A; CAPOZZOLI, C. J.. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 1, p. 63-80, 2008.
- BARBOSA, M L. Autodeterminação no esporte: o modelo dialético da motivação intrínseca e extrínseca.. 2011.Porto alegre Tese (doutorado). Universidade federal do rio grande do sul, **Escola de educação física, programa de pós graduação em ciências do movimento humano**, porto alegre, br-rs, 2011
- CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. In: CANDAU, M. (Org) **Didática crítica intercultural, aproximações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Cap. 3, p. 81-106.
- _____. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. (Org.) **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Cap. 1, p. 23-41.
- DECI, E.L. e RYAN, RM. Intrinsic motivation and self-determination in human behavior. **New York and London: Plenum**, 86, 1985
- DECI, E L. et al. An instrument to assess adults' orientations toward control versus autonomy with children: Reflections on intrinsic motivation and perceived competence. **Journal of educational Psychology**, v. 73, n. 5, p. 642, 1981.
- FRANCHIN, F; BARRETO, S.M G. Motivação nas aulas de educação física: um enfoque no ensino médio. **I Seminário de Estudos em Educação Física Escolar**, v. 2012, p. 1-33, 2006.
- GUIMARÃES, S E; BZUNECK, J A; BORUCHOVITCH, E. Estilos motivacionais de professores: propriedades psicométricas de um instrumento de avaliação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 17-24, 2003.
- GUIMARAES, S É R BORUCHOVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004
- GUIMARÃES, S. E. R. O estilo motivacional de professores: um estudo exploratório. **28ª reunião da ANPED, Caxambu. Anais do 28ª reunião da ANPED**, p. 1-15, 2005.
- KOBAL, M.C. Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de educação física. Dissertação (Mestrado em Educação Física), **Campinas, UNICAMP**, 1996.
- MINELLI, D S et al. O estilo motivacional de professores de Educação Física. **Motriz: rev. educ. fis. (Online)**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 598-609, 2010
- MATO, D. Diferenças culturais, interculturalidade e inclusão na produção de conhecimento e práticas socioeducativas. In: CANDAU, V. M. (Org). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 74-93.
- NEIRA, M. G. **Educação Física**, São Paulo: Blucher, 2011.
- _____. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 276 – 304, maio/ago. 2015.
- _____. O currículo da Educação Física: por uma pedagogia da (s) diferença (s). In: NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Educação Física cultural: por uma pedagogia da (s) diferença (s)**. Curitiba: CRV, 2016.

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da Cultura Corporal – Crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

_____. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

OLIVEIRA, R. C; DAÓLIO, J. Educação intercultural e Educação Física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n.2, p. 1-11, mai/ago. 2011.

RANGEL *et al.* Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. **Motriz**, Rio Claro, v.14 n.2 p.156-167, abr./jun. 2008.

REEVE, J; BOLT, E CAI, Yi. Autonomy-supportive teachers: How they teach and motivate students. **Journal of Educational Psychology**, v. 91, n. 3, p. 537, 1999.

SAMULSKI, D. Psicologia do esporte: Manual para a educação física, psicologia e fisioterapia. **Barueri: Manole**, 2002

TAKKYU VOLLEY UMA NOVA PROPOSTA INCLUSIVA

Data de aceite: 06/01/2020

Thalita Cassetari Campos

Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP-
SP

José Irineu Gorla

Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP-
SP

Simone Thiemi Kishimoto

Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP-
SP

RESUMO: Este estudo destaca um relato de experiência em âmbito escolar e a inserção da prática no Brasil de uma modalidade coletiva adaptada que envolve traços de dois esportes: vôlei adaptado e tênis de mesa, denominado Takkyu Volley. O jogo foi desenvolvido no Japão em 1970 por um professor junto a uma aluna com distrofia muscular, tem por característica o incentivo a inclusão social, fomentando a diversidade de gênero, idade, níveis de habilidade e de diferentes deficiências (física, cognitiva, visual, auditiva) ou não em uma mesma equipe, impulsionado pelo programa “Sport for tomorrow” uma promoção do Governo Japonês no Esporte para todos. A modalidade encontra-se em processo de universalização no cenário mundial, tendo pouco os estudos que tangem as práticas pedagógicas e subsequentes

ao suporte técnico-tático. Desta maneira o trabalho contribui para uma maior compreensão e difusão do takkyu volley, corroborando com suas características e propiciando reflexão a respeito da sociedade, cidadania e os aspectos que firmam a diversidade por meio do esporte para todos.

PALAVRAS-CHAVE: Takkyu Volley; Inclusão; Esporte Adaptado; Educação Física; Atividade Física Adaptada.

TAKKYU VOLEY A NEW INCLUSIVE PROPOSAL.

ABSTRACT: This study highlights a report of school experience and the insertion of the practice in Brazil of an adapted collective modality that involves traits of two sports: adapted volleyball and table tennis, named Takkyu Volley. The game was developed in Japan in 1970 by a teacher with a student with muscular dystrophy. Its feature is the encouragement of social inclusion, promoting the diversity of gender, age, skill levels and different disabilities (physical, cognitive, visual, hearing or not in the same team, promoted by the program “Sport for tomorrow” a promotion of the Japanese Government in Sport for all. The modality is in the process of universalization in the world scenario, having little studies that address the pedagogical practices and subsequent to the

technical-tactical support. Thus the work contributes to a greater understanding and diffusion of takkyu volley, corroborating its characteristics and providing reflection on society, citizenship and the aspects that establish diversity through sport for all.

KEYWORDS: Takkyu Volley; Inclusion; Adapted Sport; PE; Adapted Physical Activity.

1 | INTRODUÇÃO

O estudo traz em suas linhas uma modalidade em processo de expansão no Brasil que em seu cerne carrega fortemente o elo da inclusão social por meio do jogo coletivo. Utilizando das potencialidades motoras globais desta prática corporal e da promoção a inclusão, a modalidade proporciona uma inovação no que tange o esporte adaptado e as características dos sujeitos participantes.

A modalidade explanada é o Takkyu Volley (TKV), uma modalidade coletiva adaptada do Vôlei sentado e do Tênis de mesa. Criado em 1970 no Japão vinculado à escola especial de Toneyama do município de Osaka, distrito de Ibaraki, por meio de um professor com sua aluna com distrofia muscular. Gradualmente foi implantado no Japão como um esporte universal, que pode ser praticado por indivíduos com ou sem deficiência física, visual, cognitiva, auditiva, de diferentes níveis e tipos de habilidades em uma mesma equipe. (SOYSA, 2017).

O jogo consiste em seis participantes por equipe, posicionados ao redor da mesa de tênis de mesa, um jogo com total de 12 participantes. O objetivo do jogo é fazer com o que a bola de tênis de mesa ultrapasse o espaço de jogo do adversário caindo ao chão e marcando o ponto. Porém, diferente do tênis de mesa, a bola passará por baixo da rede, que será adaptada, e não por cima quicando conforme o jogo convencional. Esta adaptação, ocorre, pois dentro da bola pode existir um guizo que transmite um som quando está em contato com a superfície da mesa que auxiliará a jogabilidade de pessoas com deficiência visual, além do guizo aumentar o peso da bola, facilitar o movimento e deslocamento da mesma. (KIBÔ-NO-IÊ, 2017)

Nesta intenção de ampla inclusão por meio da diversidade, uma regra básica do jogo é que todos os jogadores se mantenham sentados durante toda a partida, não é permitido deslocar o quadril fora da cadeira. Semelhante ao vôlei adaptado, outra regra básica do TKV, durante a partida a bola deverá ser tocada por cada time por três vezes, por uma raquete triangular de madeira para facilitar as diversas pegadas manuais e possíveis deformidades nas mãos. Existe regras básicas e avançadas, e a pontuação chega a três rodadas chegando a quinze pontos. (JTVF, 2013).

A perspectiva de expansão do TKV para se perpetuar um esporte mundialmente conhecido até os jogos Olímpicos Tóquio 2020 (JTVF, 2013) por meio do programa “*Sport for tomorrow*” integrado ao Esporte para todos promovido pelo governo japonês, intensifica o estímulo para modalidade com pessoas com e sem deficiência em uma

mesma equipe. O Vice-presidente/assessor de extensão da Federação Japonesa de Takkyu Volley o Sr. Yuji Horikawa está em missão na América Latina para divulgar o TKV através do curso de capacitação de instrutores e árbitros fomentada pela Federação Japonesa de Takkyu Volley.

2 | TAKKYU VOLLEY

O TKV é um esporte coletivo com características do Vôlei sentado e do Tênis de mesa. É composto por 12 jogadores no total, sendo 6 jogadores em cada equipe, semelhante ao vôlei e da mesma maneira o jogo é dividido em sets, se conclui um set com 15 pontos. O jogo é encerrado quando um time ganha 2 sets. (KIBÔ-NO-IÊ, 2017)

Os jogadores devem permanecer sentados obrigatoriamente ao longo de toda a partida, sem elevação do quadril. Minimizando as vantagens motoras e possibilitando uma igualdade quanto a extensão máxima de cada jogador. (KIBÔ-NO-IÊ, 2017)

O objetivo do jogo é fazer com o que a bola de tênis de mesa ultrapasse a mesa de jogo do adversário, caindo ao chão e marcando um ponto. Diferente do tênis de mesa convencional, a bola irá passar por baixo da rede, que será elevada conforme a regra, não havendo o quicar, e sim o deslizar. Dentro da bolinha de tênis de mesa, poderá haver um guizo, este auxilia a inclusão de pessoas com deficiência visual. (KIBÔ-NO-IÊ, 2017)

Com o intuito da participação de todos, a modalidade possibilita incluir, pessoas sem deficiência e com diferentes tipos de deficiência (motora, intelectual, visual, auditiva) comprometimentos leves ou mais severos em uma mesma equipe. O TKV traz como traço inovador a abrangência para uma diversidade, mesclando o esporte olímpico com o paraolímpico.

Portanto, quanto a classificação funcional o TKV não aborda recomendações para aplicação e padronização de um sistema de classificação funcional, uma vez que dentro de cada modalidade do esporte paraolímpico é feita uma classificação adequada para tentar encontrar a paridade dentro do jogo que busca “garantir uma concorrência justa e igual, o esporte adaptado adere a este sistema que garante que a vitória é determinada pela habilidade, aptidão, capacidades físicas, técnicas e táticas do atleta”. (IPC, 2009 apud FARIA, 2016, p. 42).

Assim, o TKV tem a proposta de que as características dos jogadores sejam diversas, incluindo idades variadas e equipe com gênero misto. Contudo, a recomendação é a jogabilidade dos jogadores tendo a mínima compreensão das regras e sua autonomia.

Mesmo com esse amplo caráter inclusivo, o TKV firma sua proposta de ser um esporte competitivo, que busca técnica e estratégias, abrangendo em seus objetivos

o desenvolvimento físico-motor e interação psíquico-social dos participantes (KIBÔ-NO-IÊ, 2017).

Na Figura 1, é apresentado um livreto com o Manual Resumido do TKV, são seis páginas contendo todas as regras básicas e avançadas do esporte, material desenvolvido com a finalidade de promover a modalidade no Brasil, as regras básicas e avançadas poderão ser acompanhadas no link a baixo.



Figura 1: Capa imagem resumido TKV

Fonte: Manual Reduzido Takkyu Volley, 2013

Disponível em: <http://goo.gl/lssUfw>.

No estudo “Takkyu volley e sua inserção no Brasil” (CAMPOS, 2018) foram mapeados a expansão da modalidade no Brasil de 2013 a 2018. A partir das análises documentais foram encontradas 19 ações de capacitação para o envolvimento de profissionais com a modalidade, sendo 12 cursos de formação de instrutores fomentado pela Federação Japonesa do TVK, 7 workshops ministrados para difusão da modalidade nos Estado de Goiás e São Paulo. Além de 11 iniciativas de evento competitivo ou recreativo que se envolve a prática coletiva e organizada do TKV. (CAMPOS, 2018)

Neste contexto de inserção e divulgação, a ciência e os conhecimentos oriundos da prática revelam funcionalidades sistematizadas como descrita no estudo de Souto (2018). Com o objetivo de avaliar a independência funcional e a qualidade de vida, comparou dez pacientes realizando a fisioterapia convencional e vinte pacientes após passarem pela fisioterapia convencional, foram submetidos à oficina terapêutica, na modalidade Takkyu Volley como prática terapêutica com pacientes em reabilitação neurológica. A oficina terapêutica TKV sobressaiu em alguns itens em relação à fisioterapia convencional como: componente mental e físico; aspecto social e emocional; capacidade funcional e estado geral de saúde (SOUTO, 2018)

Desta maneira, a oficina de TKV se sobressaiu quanto ao método convencional nas avaliações, salientando que mesmo com todas as limitações motoras os pacientes se esqueciam das dificuldades de movimento, por estarem envolvidos na competição esportiva “os participantes conseguiram adequar suas limitações dentro do que é exigido nas regras do jogo, promovendo ganhos em todos os sentidos” (SOUTO, 2018, p.40), corroborando com Darido (2001) o desenvolvimento de atividades físicas e recreativas praticadas regularmente é considerado, por diversos pesquisadores, como fator preponderante na melhoria da qualidade de vida das pessoas, visto que os aspectos cognitivos se desenvolvem a partir do aspecto motor.

Portanto, mesmo com o cenário acadêmico do TKV sendo escasso, é possível ver expressões de sua temática em projetos em andamento, que para além dos benefícios quantificados de sua prática, se perpetua no disseminar da modalidade.



Figura 6: Dimensão Espaço de jogo

Fonte: Site, Faculdade de Educação Física – UNICAMP, 2017.

3 | ESPORTE PARA TODOS

O Corroborando com mesmo intuito do esporte Takkyu Volley e sua expansão até Tóquio 2020, outras duas práticas encontradas exploram o fomento do esporte da prática esportiva com pessoas com deficiência e sem deficiência em uma mesma equipe, são elas: Nanairo Eriden e Fusen Volley (UEDA, 2017).

Nanairo Ekiden – É uma corrida tradicional japonesa de revezamento de longa distância. Há um tempo fixo, dependendo da quantidade de competidores por equipe, em média de 10 corredores, variando de crianças, adolescentes, mulheres e homens, pessoas com deficiência e habilidades diversas (UEDA, 2017).

Cada equipe corre o mesmo período, sendo os vencedores o time que percorrer a maior distância. O termo “Ekiden” que significa revezamento em japonês e “Nanairo” significa “sete cores” em japonês representa os sete valores olímpicos e Paralímpicos, excelência, amizade, respeito, determinação, coragem, equidade e inspiração, estes simbolizados nas cores da equipe e nos bastões em forma de cordão, valorizando a importância da união (UEDA, 2017).



Figura 3: Ponte Rio - Tóquio - Nanairo Ekiden

Fonte: Ascom SMEL, 2016.

Com apoio Prefeitura do Rio de Janeiro e da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer o evento no Rio 2016 “contou com a participação de alunos do Mato Alto, de escolas municipais, do Rio Em Forma, de representantes de entidades e de equipes de atletismo, totalizando mais de 200 pessoas.” (SMEL, 2016).



Figura 4: Festival no Japão Namiro Ekiden, 2016

Fonte: Site Nanairo festa world, 2016

Com este quadro de novas modalidades que permitem a integração de pessoas sem deficiência e com deficiência, outra modalidade que está em expansão no Brasil com o apoio do programa SFT é o Fusen Volley ou Balloon Volleyball, significa voleibol com bexigas e segue o lema “todos estão incluídos no jogo” (JFVA, 2012) Uma modalidade criada no Japão em 1989, com o propósito de unir em uma mesma equipe pessoas com deficiência e sem deficiência, crianças e idosos, visando o trabalho em grupo, a integração e união de todos por meio de um esporte (JFVA, 2012). Em paralelo com o TKV o Fusen Volley, realizou cursos para sua divulgação e expansão no Brasil, Argentina e Paraguai, desencadeando a formação de uma rede de líderes para disseminar esses esportes em todos estes países. (SFT, 2017).

O Fusen Volley é jogado em uma quadra de badminton com um balão de 40 centímetros de diâmetro com dois pequenos sinos redondos dentro. Cada equipe tem 6 jogadores, podendo ter ilimitado o número de reservas. Deste 3 ou 4 jogadores necessariamente tem que ter alguma deficiência, são chamados de “jogadores especiais”, os demais 2 ou 3 jogadores não terão deficiências, denominados “jogadores com vantagem”. É livre a composição das equipes quanto ao nível e diversidade de deficiência. Porém, a somatória da classe da equipe não pode ultrapassar 18 pontos. Diferente do TKV, esta modalidade tem sua própria sistematização da classe funcional, além manual de regras e da arbitragem. Obrigatoriamente todos os seis jogadores devem tocar no balão antes de mandar para o lado adversário, contudo o balão pode ser no máximo 10 vezes antes de cruzar a rede



Figura 5: Fusen Voleiball, 2012

Fonte: Japan Fusen Volleyball Association, 2012

Relatado por Frank (2017) referente ao processo de valorização provocada na relação de estudantes com e sem deficiência ao praticarem em juntos em uma escola o Fusen Volley “a inclusão educacional implica no reconhecimento de que o outro é diferente”, “pois a diferença é o que existe, a igualdade é inventada e a valorização das diferenças impulsiona o progresso educacional” (apud MANTOAN, 2012, p. 50).

Esta inclusão de todos em um mesmo esporte permite a familiaridade de assuntos pertinentes a inclusão e a diversidade, intercalando com os objetivos e princípios do esporte para todos.

4 | RELATO DE EXPERIÊNCIA: TAKKYU VOLLEY NO ÂMBITO ESCOLAR

Apesquisa foi desenvolvida por um programa institucional vinculado a Faculdade de Educação Física da UNICAMP, em parceria com uma Escola de Tempo Integral em Campinas/SP. Durante 2 meses realizou-se atividades com turmas do 1º ao 5º ano do fundamental I (Campos, 2017)

A dinâmica iniciou-se com apresentação visual do jogo a partir de uma linguagem interdisciplinar, estimulando os aspectos culturais que explorassem significados para o processo de familiarização a partir de problematizações na relação multicultural e local das crianças. Em seguida, os alunos confeccionaram raquetes com papelão,

elemento específico da modalidade, e vivenciaram a prática utilizando o incremento da progressão das regras do Takkyu Volley. Ao final do ciclo de cada turma por meio de desenhos e relatos pessoais, os discentes enunciaram seus olhares em relação a nova prática e reflexões para além do ganho motor que a modalidade também engloba.

Campos (2018) relata, o início de um planejamento pedagógico para o ensino na escola do TKV, pode ser feita de forma progressiva. Iniciando no chão, no espaço a dois, depois no coletivo de forma lúdica com brincadeiras interativas para simular a pegada na raquete. Passando progressivamente para mesas maiores que a escola dispunha, como uma mesa de futebol de botão, pedagogicamente ao redor da mesa tinha uma borracha que continha a bola, auxiliando no aprendizado com os menores. Até chegar na mesa tênis de mesa e realizar o jogo por completo do TKV.

Portanto, o TKV pode estar inserido em diversos contextos, incluindo no âmbito escolar, que por meio do jogo “provoca um encontro com o outro e com nós mesmos, com as diferenças, com a diversidade, com o espírito de compreensão das possibilidades e limitações que se transformam a cada descoberta” (FRANK, 2017, p. 163)”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de diversidade e inclusão está presente em muito projetos e ações. O esporte para todos busca unir esses dois conceitos em uma mesma ação, em um mesmo refletir. Unindo os mundos do esporte adaptado com o convencional. Desmitificando e desconstruindo medos de interação e inclusão, valorizando e potencializando o indivíduo, sem segregação de deficiências ou falta da mesma para uma participação conjunta em uma mesma equipe.

Acreditamos que trabalhos como este contribua para uma maior compreensão e difusão do TKV. O TKV está voltado à inclusão, integração de todos, cooperação entre os praticantes, reflexão e familiarização com a diversidade. E está nova proposta de esporte adaptado que oportuniza a prática conjunta de pessoas com deficiência e sem deficiência, propicia “a reflexão a respeito de si mesmo, seu grupo e sociedade, visto que a modalidade fomenta a integração dos aspectos que afirmam as diferenças culturais de gênero, idade e deficiências” (CAMPOS, 2017).

Os frutos que virão após a expansão do TKV e do esporte para todos no Brasil, dependerá de quem irá regar essas árvores, para que as raízes se fortaleçam e os frutos se multipliquem. Assim, novas pesquisas se fazem necessária para compreensão, por exemplo, das perspectivas dos profissionais na modalidade, relatos sobre a experiência e a vivência com modalidade em seus diversos contextos, como terapêutico/reabilitação, recreativo, competitivo, escolar.

Além no campo pedagógico com pesquisas com iniciação esportiva, expandindo conhecimentos de técnicas e estratégias de jogo abordando os princípios, sistemas e fundamentos técnico-tático para o desenvolvimento e evolução da modalidade, contribuindo assim para a sequência do desenvolvimento da mesma, caminhando continuamente com a desconstrução de pré-conceitos e paradigmas que envolve a diversidade e o universo da pessoa com deficiência.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, T. C. **Takkyu Volley e sua inserção no Brasil**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018

CAMPOS, T. C; CHIEPPE, V. P; NUNES, M. L. F. **Takkyu Volley: uma proposta inclusiva no âmbito escolar**. XIV Seminário de Educação Física Escolar, São Paulo, SP, Brasil, [Apresentação Oral]. SÃO PAULO, 2017.

DARIDO, S. C. et al. **A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001.

FRANK, T. J. **O jogo de fusen como recurso pedagógico na inclusão de estudantes com deficiência física severa nas aulas de educação física**. [Dissertação]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, p. 162 – 163, 2017.

IPC – International Paralympic Committee. **Classification**. Disponível em: < <http://www.paralympic.org/classification> >. Acesso em: 1 de outubro de 2018

JTVF, Federação Japonesa de Takkyu Volley. **Regras & Explicações**. Distribuída pela AACLA – Associação dos Amigos do Centro Livre de Artes, versão 2013.

KIBÔ-NO-IÊ. **Takkyu Volley, Manual Resumido**. Sociedade Beneficente Casa da Esperança. Sede Trav. Hideharu Yamazaki, s/n. da Estrada do Tronco, saída km 206 da Via Dutra, Itaquaquecetuba. São Paulo. Disponível em:< <http://goo.gl/IssUfw>>. Acessado em: 08 agosto 2018.

SFT – Sport for tomorrow: **About** Disponível em: <https://www.sport4tomorrow.jp/about/> Acesso em: 8 de agosto de 2015

SMEL, A. Ponte Rio-Tóquio: **Nanairo Ekiden deixa legado na Vila Olímpica do Mato Alto**. Site subsecretaria do Esportes e Lazer. 2016. Disponível em: <<http://prefeitura.rio/web/smel/exibeconteudo?id=6380624> > Acesso em: 02 de novembro de 2018

SOUTO, H.C. **Avaliação do impacto da fisioterapia convencional e da oficina terapêutica Takkyu Volley na independência funcional e na qualidade de vida de pacientes em reabilitação neurológica**. [Dissertação]. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2018.

SOYSA, L. **IAAF and University of Tsukuba strengthen ties to pass the Olympic legacy from Rio to Nairobi on its way to Tokyo 2020**. 2017. Disponível em: <<http://www.aipsmedia.com/2017/07/25/21363/nairobi-kenya-iaaf-tias-athletics-sports>> Acesso: 07 de outubro de 2018

UEDA, Y. **Nanairo Ekiden**. Faculty of Health and Sport Sciences, University of Tsukuba 40 75-79, 2017

日本語ホームページ **Jogando FusenVolley**, 2012. Disponível em: < <http://fusenvolleyball.blogspot.com/>> Acesso em: 03 de novembro de 2018

年のなないろ駅伝, **Nanairo festa World**, 2016. Disponível em: < <http://nanairo-festa.world/programme/ekiden> > Acesso em: 4 de novembro de 2018

ÍNDICE REMISSIVO

A

Atividade física adaptada 47

Aulas de educação física 1, 22, 23, 25, 26, 30, 31, 32, 56, 89, 90, 91

B

Base nacional comum 2, 14, 81, 83, 84, 90

C

Crianças 29, 34, 35, 36, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 66, 71, 75, 82, 83

E

Educação inclusiva 81, 82, 89, 90, 91

Esporte 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 28, 32, 33, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 64, 65, 73, 75, 77, 79, 80

Esporte adaptado 47, 48, 49, 55

Esportes 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 25, 28, 31, 47, 52, 53, 56

F

Formação de professores 58, 72, 74, 77, 79, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 102, 103

Formação inicial 81, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 94

H

História 16, 17, 18, 19, 21, 29, 61, 63, 64, 70, 72, 77, 79, 94, 98

I

Inclusão 4, 9, 14, 19, 32, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Influência 1, 3, 11, 19, 27, 66, 70, 72

N

Necessidades educacionais especiais 81, 82, 85, 91, 92

P

Percentual de gordura 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Plano nacional de educação 93, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 105

R

Resistência cardiorrespiratória 34, 36, 37, 41, 43, 45

S

Saúde 5, 6, 9, 10, 25, 34, 35, 36, 44, 45, 46, 51, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80

Simbologia 16, 18, 19

T

Takkyu volley 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56

 **Atena**
Editora

2 0 2 0